

## **RAINBOW PSICOLOGIA:**

**Uma iniciativa para a comunidade LGBTQIA+ e a luta  
contra faltas éticas entre profissionais**





**Hamilton Kida**

*hamilton@rainbowpsicologia.com.br*

*<https://rainbowpsicologia.com.br>*

Psicólogo atuante na área clínica há mais de quatro anos com atendimento de adolescentes e adultos, com enfoque na comunidade LGBTQIA+. Sócio fundador da empresa Rainbow Psicologia.

**RAINBOW PSICOLOGIA: UMA INICIATIVA PARA A COMUNIDADE  
LGBTQIA+ E A LUTA CONTRA FALTAS ÉTICAS ENTRE PROFISSIONAIS**

**RAINBOW PSICOLOGIA: AN INICIATIVE TO LGBTQIA+ COMMUNITY AND  
THE FIGHT AGAINST ETHICAL FALTS AMONG PROFESSIONALS**

**RAINBOW PSICOLOGIA: UNA INICIATIVA PARA LA COMUNIDAD  
LGBTQIA+ Y LA LUCHA CONTRA LA MALA CONDUCTA ÉTICA ENTRE  
LOS PROFESIONALES**

A Rainbow Psicologia surgiu da necessidade de espaço seguro e ético, com empatia e acolhimento. Ela se iniciou a partir de um coletivo de profissionais de psicologia criado por mim com o mesmo nome em fevereiro de 2018. Desde então, trabalhei de maneira voluntária para conectar pacientes à colegas profissionais de psicologia que seguem à risca as normas do código de ética da profissão. A partir de setembro de 2020, oficializei, com a abertura de CNPJ, a primeira empresa brasileira de psicologia voltada à comunidade LGBTQIA+<sup>1</sup>. Desde a fundação, já passaram por nós mais de 200 profissionais de psicologia e já atendemos mais de 1600 pessoas, sendo parte em atendimento clínico individual e parte em trabalhos voluntários. Atendemos todas as regiões do país, das mais centrais as mais interioranas, o que proporciona também aprendizado cultural muito enriquecedor e cheio de interseccionalidades. Fazendo esse atendimento, temos profissionais de etnias diversas, assim como multiplicidade de gênero e pessoas com deficiência. Não é uma iniciativa exclusiva para pessoas da comunidade LGBTQIA+, nossa filosofia é atender à todas as pessoas sem distinção.

Não há maneira de explicar sobre as práticas clínicas dentro da Rainbow Psicologia, sem falar um pouco sobre a relação de amor e ódio que tenho com a iniciativa. Amor por acolhimento, escuta ética, lugar para falar e ser ouvido sem medo e sem julgamentos, onde a pessoa a ser atendida possa realmente se sentir em casa, independe da sexualidade, identidade ou expressão de gênero; Ódio por essa iniciativa existir, ódio pela necessidade de criar uma espécie de nicho de mercado para “vender” as características que citei acima. Sempre me questiono sobre o porquê de ter que garantir algo do tipo dentro de uma comunidade de profissionais de psicologia que, por via de regra, deveríamos encontrar em qualquer profissional da área ou da saúde em geral. Não me acostumo com a ideia de ter que garantir como um diferencial, algo tão óbvio, essencial e implícito na ética psicológica. Meu maior sonho é que um dia não precisem existir organizações ou iniciativas nesses moldes que atuamos hoje.

Algumas pessoas têm a fantasia de que é necessário fazer parte da mesma comunidade para atender uma pessoa LGBTQIA+, isso acontece principalmente pelo fato de que grande parte das pessoas que procuram a Rainbow já passaram por profissionais antiéticos que, da forma mais sutil e estrutural à mais explícita e, julgaram suas questões ou colocaram sua moral pessoal como forma de abordagem da subjetividade da pessoa, principalmente envolvendo religião, valores morais e heteronormativos. Mesmo sendo proibido utilizar qualquer tipo de crença esotérica ou religiosa com as práticas da ciência e profissão da psicologia, ainda encontramos pessoas que transgridem as leis do Código de Ética e atuam dessa maneira. Sendo assim, a maior dificuldade das pessoas era, até então, encontrar um lugar onde houvesse a garantia de que essas regras fossem seguidas, sem exceções.

Independente da linha teórica, ortodoxa ou não, todas as técnicas da psicologia falam sobre a neutralidade no atendimento, necessária para que o ambiente terapêutico proporcione espaço confortável aos pacientes, onde possam trazer suas subjetividades e experienciar a segurança necessária, além de compartilhar suas angústias e medos, sem julgamentos. O artigo 2º do Código de Ética Profissional do Psicólogo aponta que ao psicólogo é vedado:

- a) Praticar ou ser conivente com quaisquer atos que caracterizem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão. b) Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais (Brasília, 2005).

Apesar de ouvirmos isso durante todo o curso de psicologia e ser uma regra do código de ética, é um dos maiores desafios da profissão, pois nem todas as pessoas atuantes conseguem enxergá-la como uma ciência e separar crenças e valores pessoais da análise científica e imparcial.

Outro exemplo disso está relacionado à utilização de técnicas não aprovadas pela ciência, como práticas alternativas ou místicas, como técnicas divinatórias, entre outros. Esse fenômeno colabora para que o tratamento psicoterapêutico não seja efetivo como necessário, pois de alguma maneira a pessoa atendida “filtra” suas questões e não acessa as camadas mais profundas da sua subjetividade, delegando a questões externas o dito milagre da cura.

Por isso, a principal questão que levamos em consideração ao fechar parceria com profissionais de psicologia é a forma como atuam no atendimento, de maneira neutra, ética e acolhedora. Não importa a teoria ou técnica que a pessoa utilize no trabalho e sim a maneira como enxerga o atendimento a pessoas LGBTQIA+.

Outra dúvida que tem surgido em pessoas que procuram nossa iniciativa é se o atendimento a pessoas LGBTQIA+ necessita ou dispõe de alguma especialização na psicologia. Esse pensamento é de certa forma excludente e discriminatório, pois se refere a pessoas da comunidade como diferentes em alguma maneira. O que existem são especializações e formações relacionadas a características de pessoas, como transtornos mentais (exemplo: ansiedade) ou áreas de atuação (exemplo: psicologia do esporte). Em resumo, o atendimento à comunidade LGBTQIA+ nada difere no que se diz respeito à pessoa como um indivíduo com sentimentos e emoções inerentes a qualquer ser humano.

Em relação ao atendimento clínico, traçando um paralelo à forma como é feita a busca pela nossa iniciativa, costumo dizer que o processo terapêutico não se inicia na primeira consulta com profissional, mas no momento no qual a pessoa se percebe com a necessidade de buscar ajuda e desenvolve o desejo de procurar psicoterapia. Tudo o que acontece deste momento até a primeira consulta se dá através de processos de comunicação. Por esse motivo, além da saúde mental, possuímos outro polo de trabalho que é a comunicação neutra e inclusiva, com intenção de propor ambiente neutro e ao mesmo tempo acolhedor desde o momento que surge a necessidade de buscar por esse serviço. Em todas as nossas comunicações com pacientes e também com profissionais, buscamos atuar de maneira inclusiva para todas as diversidades, não somente pessoas LGBTQIA+. Pensamos que ao trabalhar dessa maneira, estamos realmente integrando pessoas ao invés de criarmos novo “gueto” ou comunidade excludente, o que nos permite atingir todos os públicos.

Nossa filosofia de trabalho é então lutar contra profissionais que ainda praticam técnicas nunca aprovadas pelos conselhos de psicologia, como terapias de reversão sexual (comumente conhecida como “Cura Gay”) e de gênero. Estamos em constante expansão para evitarmos que pacientes cheguem até profissionais que atuam dessa forma e que ainda possuem registro no conselho de classe, mesmo atuando de maneira a violar o código de ética. Essa necessidade se dá pelo fato de que é muito fácil encontrar profissionais oferecendo livremente esses serviços, com divulgações em redes sociais e sites profissionais, basta uma simples busca na internet.

Algumas pessoas podem se perguntar por que alguém buscaria esse tipo de serviço e a resposta se dá através do conflito que a pessoa sente entre sua identidade sexual ou de gênero e o preconceito existente na sociedade, historicamente marcado e ainda infelizmente por vezes perpetuado em determinados contextos, o qual faz com que tentem buscar “cura” para o que causa esse sofrimento. É esse conflito que pessoas antiéticas distorcem para oferecer esses tratamentos, com o argumento de que o “homossexualismo” (termo utilizado para se referir à homossexualidade como doença) ou transexualidade são causadores de sofrimentos por serem fora de algo considerado socialmente como “normal”, quando na verdade esse sofrimento é causado pelos preconceitos e discriminações sofridos inclusive pelas próprias pessoas que oferecem esses atendimentos distorcidos, permeados por julgamentos morais.

As literaturas médicas utilizam o termo “disforia” para fazerem a leitura do conflito de identificação com a sexualidade ou gênero, referindo-se à angústia causada pela “diferença” entre o que é visto no espelho e o que o indivíduo realmente se identifica. De acordo com minha prática clínica e institucional, sempre levo em consideração outro fato causador desse conflito, que é um “terceiro” apontando seus julgamentos para essa pessoa afirmando que aquela característica é a forma como ela nasceu e não seria “natural” modificá-la para ficar de acordo com a forma que ela se identifica. Isso se dá principalmente pela moral religiosa cristã, cuja mitologia diz que “Deus fez homem e mulher” e tudo que foge dessa normatividade seria “obra do diabo”. Está aí um dos grandes motivos pelo qual se torna perigoso misturar a ciência psicologia com crenças religiosas.

Um dos receios que tive durante o processo de fundação do coletivo Rainbow em 2018 foi de que essa iniciativa se tornasse uma ferramenta que segregasse a comunidade LGBTQIA+ ao invés de tornar possível sua inclusão e interação com a sociedade e servir como forma de quebrar preconceitos e paradigmas. Esse receio ocorreu por conta do lugar que a própria sociedade coloca as pessoas LGBTQIA+. Alguns dias atrás, antes de começar a escrever esse texto, ouvi uma fala de um profissional da nossa iniciativa, dizendo que as pessoas se esquecem que *“ser gay não é apenas não ser heterossexual, é muito mais que isso”*. Essa fala me remete a discussões feitas diariamente no trabalho com a comunidade, sobre “heteronormatividades”. Algo só se tornou heteronormativo por ter sido colocado nesse lugar pela própria população hetero cis. Por exemplo, casamento só é dito como heteronormativo pois é essa população quem diz que LGBTQIA+ não podem se casar. Aí eu me questiono, e se for escolha? Como diz o movimento feminista, lugar de mulher é onde ela quiser, peço licença para me apropriar desse termo pois ele também se aplica à comunidade LGBTQIA+.

Foi por seguir esse raciocínio que percebi ser possível criar uma iniciativa e, conseqüentemente uma empresa que conectasse as minorias (me refiro, com a palavra minoria, à visibilidade e direitos e não necessariamente à quantidade de pessoas) à comunidade em geral e, ao invés de gerar mais estigmas e segregação, trouxemos a possibilidade de inclusão.

Além das iniciativas voltadas ao atendimento psicoterapêutico, estamos desenvolvendo projetos de informações e orientações para profissionais de psicologia. A principal estratégia feita para fornecer conteúdo e ao mesmo tempo falar de empatia e acolhimento, é o Encontro de Sensibilização, evento realizado a cada dois meses para profissionais que fecharem parceria com a Rainbow naquele período.

Utilizamos o termo “sensibilização” por não se tratar de um encontro com caráter teórico, pois, como mencionei anteriormente, o atendimento à comunidade LGBTQIA+ não se difere de nenhum outro, ao falarmos de pessoas. As diferenças encontradas são relacionadas à aspectos clínicos e principalmente sociais, como queixas mais comuns e a forma como o preconceito e discriminação afetam essa população. Esse encontro tem por objetivo a reflexão sobre especificidades da clínica LGBTQIA+ ao que se relaciona com questões subjetivas conseqüentes de influências da sociedade e formas de enfrentamento a isso. Também abordamos assuntos relacionados à história da militância LGBTQIA+ no Brasil e no mundo, onde começou e qual a importância desse movimento existir.

Por fim, o que posso dizer sobre a Rainbow é que tudo é feito de maneira a olhar pessoas de maneira humanizada, tanto pacientes quanto profissionais parceiros. Todas as iniciativas que realizamos são baseadas nas relações humanas como via de mão-dupla, levamos em consideração a importância do cuidado de forma neutra e nosso objetivo é manter essa neutralidade e ao mesmo tempo acolher e cuidar cada pessoa de maneira única.

Nosso maior diferencial enquanto empresa é a parceria com profissionais de maneira individualizada, alinhamos a tecnologia para aumentar a abrangência do nosso serviço sem deixar que isso nos distancie. Pelo contrário, utilizamos nossas ferramentas e recursos para nos aproximar cada vez mais e criarmos, dentro da profissão, uma grande comunidade de profissionais sensíveis às questões que permeiam a comunidade LGBTQIA+.

“Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem”, Rosa Luxemburgo.

## NOTAS

1 - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgêneros, Queer, Intersexo e Assexuais. O símbolo "+" se refere à abertura para demais diversidades não incluídas na versão reduzida da sigla.

## COMO CITAR ESTE TEXTO

Kida, H. (2021). RAINBOW Psicologia: Uma iniciativa para a comunidade LGBTQIA+ e a luta contra faltas éticas entre profissionais. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 01, 129-138.

RECEBIDO EM: 29/03/2021

APROVADO EM: 16/04/2021